

# ANÁLISE DO USO DE ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ E CORTESIA EM UMA ENTREVISTA TELEVISIVA

## *ANALYSIS OF THE USE OF POLIDEZ AND COURTESY STRATEGIES IN A TELEVISION INTERVIEW*

André Monteiro Diniz  
UEPA

**Resumo:** Este artigo visa a contribuir para os estudos das interações verbais por meio da análise da adoção de estratégias de polidez (BROWN; LEVINSON, 1987) e de cortesia (AQUINO, 2008; AQUINO; ANDRADE; FÁVERO, 2000) como recursos linguísticos em uma entrevista televisiva entre duas personalidades reconhecidas popularmente (a jornalista Marília Gabriela e o Pastor Silas Malafaia), bem como suas consequências para a reconstituição de eventuais desequilíbrios (propositais ou não) ocasionados dentro daquele gênero de texto oral. Com base na análise de excertos da entrevista, pode-se identificar as estratégias empregadas pelos interlocutores em sua permanente tentativa de resgate ou manutenção do equilíbrio nas interações verbais em um contexto em que há uma preocupação maior com a imagem pública e credibilidade dos interlocutores em relação aos ouvintes não ratificados (audiência).

**Palavras-chave:** Polidez. Cortesia. Análise da interação verbal

**Abstract:** *This article aims to contribute to the studies on verbal interactions through the analysis of the use of politeness (BROWN; LEVINSON, 1987) and courtesy (AQUINO, 2008; AQUINO; ANDRADE; FÁVERO, 2000) strategies as linguistic resources in a TV interview between two renown celebrities (journalist Marília Gabriela and Priest Silas Malafaia), as well as its consequences for the restoration of occasional (either accidental or purposeful) unbalance during that genre of oral text. Based on the analysis of excerpts of the interview, we can identify the strategies adopted by the interlocutors in their continuous attempt to restore or maintain the balance in verbal interactions in a context in which they have a greater concern with their public image and credibility in relation to the unrated listeners (audience).*

**Keywords:** *Politeness. Courtesy. Conversation Analysis*

## INTRODUÇÃO

A conversação tem, dentre suas características peculiares, a possibilidade de propiciar textos com graus variados de dialogicidade, proximidade e tensão entre os interactantes. Em comparação

com o texto escrito, em que não há a copresença dos interlocutores e cuja coprodução se resume à consideração e idealização do outro para o qual se escreve, essa dialogicidade (contribuição para a sua coprodução) é mais manifesta, com participação ativa e direta do interlocutor na elaboração linguística do texto (KOCH, 2015).

Dentre os gêneros de conversação, pode-se destacar a “entrevista televisiva”, que apresenta suas particularidades, como os papéis diferentes entre os seus interagentes e a presença de ouvintes não ratificados (audiência). O entrevistador é responsável pelo início e fechamento da entrevista ou dos blocos de entrevistas, pelo direcionamento dos tópicos conversacionais em torno de seu(s) tema(s) central(is), mediante perguntas encadeadas ou não com as respostas anteriores, comentários e, às vezes, até mesmo interrupções de digressões ou alongamentos do entrevistado (o tempo é um fator importantíssimo em todos os programas televisivos). Muitas vezes, ele também consegue, mediante a adoção de estratégias de polidez (linguísticas ou não), atenuar conflitos e evitar a emergência de condições que possam levar a um constrangimento excessivo dos interlocutores, o que levaria, em um evento extremo, à própria conclusão antecipada da entrevista.

O entrevistado, por sua vez, como participante da conversação, deve obedecer certas normas conversacionais e de polidez, pois a sua inobservância dentro da estrutura de participação da entrevista pode gerar conflitos e aumentar a tensão, vindo a ser interpretadas como rudeza, descortesia e gerar efeitos negativos em sua imagem perante o entrevistador e mesmo a audiência.

A audiência, que, na maioria das entrevistas televisivas não é presencial e participativa (em alguns casos, há uma participação, ainda que pequena, como quando pessoas da plateia formulam perguntas ou telespectadores enviam perguntas por telefone ou e-mails), também tem um papel importante como ouvinte não ratificado ou expectadora. Ela atua como “elemento propulsor de modificações na interação entre os participantes, já que a interação se desenvolve exatamente em função da terceira-parte” (AQUINO; ANDRADE; FÁVERO, 2000, p. 70).

A observação dessa estrutura de participação pode fornecer subsídios para uma análise mais detalhada de circunstâncias que individualizam o evento conversacional, bem como as estratégias utilizadas por seus participantes, mais especificamente entrevistador e entrevistado, para a consecução do acordo que caracteriza o fechamento da interação, segundo a visão de Goffman (1967/2011).

Este trabalho visa a contribuir para os estudos das interações verbais por meio da análise da adoção de estratégias de polidez e de cortesia em uma entrevista televisiva entre duas personalidades reconhecidas popularmente, bem como suas consequências para a reconstituição de eventuais desequilíbrios ocasionados dentro daquele gênero de texto oral.

O evento televisivo selecionado para compor o *corpus* desse trabalho foi uma entrevista concedida pelo líder religioso Pastor Silas Malafaia à jornalista Marília Gabriela em seu programa denominado *De Frente com Gabi*, transmitido pela rede de TV SBT, com duração de aproximadamente quarenta e cinco minutos<sup>1</sup>. A escolha se deu devido às posições polêmicas defendidas pelo entrevistado em assuntos que geralmente são de grande repercussão (homofobia, aborto, participação de religiosos na política) e que, sabe-se, colidem frontalmente com as da apresentadora. Dessa forma, a entrevista seria permeada

---

<sup>1</sup> Essa entrevista está disponível no site: < <https://youtu.be/Myb0yUHdi14> > Acesso em 05 jun 2018.

por momentos de antagonismos e, conseqüentemente, tensões, sendo rico em recursos linguísticos (e extralinguísticos, que não serão abordados aqui) que visem o reequilíbrio entre os interlocutores, de modo a permitir a coconstrução do texto até o término da interação.

A investigação foi conduzida com base na teoria da polidez de Brown e Levinson (1987) e na dicotomia *polidez* x *cortesia* apresentada por Koch e Bentes (2008).

## 2. CONSIDERAÇÕES SOBRE POLIDEZ E CORTESIA

### 2.1. A TEORIA DA POLIDEZ SEGUNDO BROWN E LEVINSON

Emprestando o conceito original de face de Goffman, como sendo a imagem de si que todo indivíduo quer que os outros tenham, Brown e Levinson (1987) elaboram sua teoria da polidez partindo da ideia de que todas as interações são potencialmente ameaçadoras e que o seu equilíbrio depende dos esforços despendidos pelos interlocutores em atenuar ou mesmo anular essas possíveis ameaças.

Segundo os mesmos autores (*idem*), a potencialidade ameaçadora dos atos linguísticos deve ser medida de acordo com três fatores: a) a distância social entre os interlocutores; b) a relação de poder entre eles; e c) o grau de imposição de determinada intervenção sobre os desejos e autodeterminação do interlocutor (este último sendo culturalmente determinado).

Como o objetivo dos interactantes é o desfecho conversacional harmônico e de acordo com seus anseios comunicativos, eles fazem uso de certas estratégias, que os autores denominaram de polidez positiva (quando o que se visa proteger é a face positiva do interlocutor) ou negativa (quando a diminuição da ameaça à face negativa do interlocutor é o foco).

No gênero entrevista, pode-se observar a utilização de diversas estratégias de polidez, pois, como afirmam Aquino, Andrade e Fávero (2000, p. 73):

[...] É preciso que haja empatia entre os interlocutores e sua manutenção está diretamente relacionada às estratégias de polidez. Observa-se que alguns tópicos discursivos podem-se colocar como mais ameaçadores para determinados entrevistados e, nesse caso, o entrevistador pode, estrategicamente, formular seus enunciados de modo polido, sem deixar de perguntar sobre o assunto.

Numa entrevista televisiva, as conseqüências das manifestações tanto do entrevistador quando do entrevistado estendem-se além daquela relação interpessoal, haja vista a existência de audiência (presente ou composta de telespectadores) e a possibilidade de registro e divulgação em material permanente (o vídeo estudado aqui, por exemplo, pode ser acessado livremente, a qualquer hora e por qualquer pessoa, na plataforma de vídeos do Youtube). Nas palavras de Aquino (2008, p. 366):

Há o reconhecimento em nossa sociedade de que ser cortês é tratar com civilidade, é ser gentil, educado, é preservar a imagem do outro em interações privadas, mais ainda em interações públicas, em que interagem outros participantes ou que sejam veiculadas pela mídia, em que se expõe em maior escala a face do interlocutor. Por outro lado, a descortesia pode ser associada à grosseria, à rudeza. Ser descortês

corresponde a ferir a imagem do outro, expondo-o publicamente. Pode estar associada à desconsideração do outro, à desconsideração do dizer do outro, à negação de seu dizer.

Portanto, o alcance e os efeitos de determinadas atitudes que ocasionem ameaças ou salvaguardas às faces dos interlocutores extrapolam a mera harmonia na conversação face a face e a manutenção de um certo equilíbrio entre eles: a repercussão de eventuais deslizos ou inobservâncias àquelas normas de polidez acarretam uma exposição de sua imagem pública e social e tendem a ser consideradas bem mais graves do que em outros gêneros menos complexos.

Segundo Aquino, Andrade e Fávero (2000, p. 73), a polidez em uma entrevista acaba, então, sendo um “elemento imprescindível para que ela transcorra de modo a se alcançarem os objetivos a que se propõe”. Nesse estudo, vemos que nos momentos de maior tensão, o uso das estratégias de polidez acaba tendo esse efeito de atenuação da aparente animosidade entre os interlocutores.

## 2.2. A CORTESIA VERBAL

Como parte do suporte teórico dessa análise, segue-se aqui a dicotomia *polidez* x *cortesia* proposta por Koch e Bentes (2008, p. 29), segundo a qual “a polidez está mais ligada às normas, convenções e princípios gerais que presidem a interação pela linguagem em determinada cultura”. As autoras (idem) defendem que a polidez tem mais a ver com a educação, com as regras gerais da interação social.

A cortesia, a seu ver, “estaria relacionada a uma tomada de atitude por parte do indivíduo que leve ao reconhecimento de sua distinção em relação ao outro” (KOCH; BENTES, 2008, p. 29); seria mais uma questão de demonstração de afeto, de consideração em relação à pessoa do interlocutor.

Em linhas gerais, na interação verbal, os interactantes podem/devem fazer uso de recursos visando a manutenção da harmonia e a atenuação das potenciais ameaças inerentes à conversação (polidez) ou, querendo, usar estratégias linguísticas para manipular as considerações subjetivas de seu interlocutor (no caso da entrevista televisiva, da audiência também), pois:

[...] a presença destes recursos [...] revela também uma forma de representação positiva desse *eu*, considerando que traços de positividade (*bem educado, polido, cortês*) são atribuídos tanto a esses recursos, como aos sujeitos que dele se utilizam. (KOCH; BENTES, 2008, p. 36) (grifos no original)

Como exemplos de estratégias de cortesia, as mesmas autoras citam marcas de atenuação, uso de formas verbais específicas (futuro do pretérito, imperfeito do indicativo e do subjuntivo etc), verbos modais, fórmulas chamadas *disclaimers*, enunciados justificativos, perguntas indiretas, certos marcadores discursivos (introdutores, interruptores e de mudança de tópico), entre outros (KOCH; BENTES, 2008, p. 33).

Na entrevista televisiva objeto do presente estudo, pode-se observar diversas realizações linguísticas dessas marcas de cortesia. Deve-se levar em consideração, para entender melhor a função sociodiscursiva do uso dessas estratégias, as posições sociais dos interlocutores: a entrevistadora é

tida como uma jornalista já consagrada, ou seja, uma figura de credibilidade perante sua audiência, o que, no contexto em questão, confere-lhe uma posição de destaque em debates de que participa. Esse status acaba por aumentar a nível hierárquico já presente naquela interação.

O entrevistado, por sua vez, é pessoa de grande notoriedade, líder religioso e formador de opinião. Seu posicionamento veemente muitas vezes passa a impressão de que domina o ambiente discursivo, revertendo uma certa expectativa da audiência e dando ensejo a movimentos reparadores ora dele próprio, ora da entrevistadora, para que as posições voltem à normalidade do gênero conversacional e ela volte a gerenciar os turnos e os temas debatidos no programa.

### 3. ANÁLISE DE DADOS

Partindo da base teórica apresentada, foi feita uma análise da entrevista televisiva, com exemplos do uso de estratégias de polidez, num trabalho de faces (*facework*) entre os interlocutores, bem como de cortesia, visando a consecução de um obséquio, a construção de uma imagem pública mais favorável (de gentileza, por exemplo) ou, ao menos, evitar uma interpretação neutra ou negativa do público em relação a sua imagem (indiferença, insensibilidade ou mesmo rudeza, grosseria).

Os interlocutores serão identificados nos excertos como MG (Marília Gabriela – entrevistadora) e SM (Silas Malafaia – entrevistado). Em cada um dos trechos será identificado o momento de início da troca de turnos destacada, sob a notação XX:XX. Nos momentos de maior tensão, serão apontadas as alterações no tom de voz deles, pois, apesar de não ser o escopo dessa pesquisa as marcas não linguísticas, elas acabam por causar uma alteração circunstancial relevante para a contextualização e avaliação dos interlocutores que visam a restituição do equilíbrio na conversação. As transcrições seguem as normas para transcrição previstas em Preti (1999).

#### 3.1. MANIFESTAÇÕES DE POLIDEZ

Como mencionado acima, no *corpus* sob análise, a polidez pode ser observada em diversos trechos, principalmente em virtude do comportamento polêmico do entrevistado e o claro posicionamento antagônico entre os interlocutores. Dessa forma, o trabalho de face torna-se mais importante para que se consiga manter o equilíbrio de suas posições e, assim, levar a conversa a um desfecho satisfatório.

Algumas manifestações serão destacadas abaixo. Logo no início da entrevista, há uma troca de marcas de polidez entre os interlocutores:

- (1) 0:50  
MG: pastor... antes de mais nada **muito obrigado pela presença em nossos estúdios**  
SM: **eu é que agradeço**

Essa troca de gentilezas demonstra uma certa preocupação da anfitriã com a ameaça à face negativa do entrevistado, que se dispôs a participar do evento e dedicar seu tempo para prestigiar o

programa da entrevistadora. Além disso, já há um enaltecimento da face positiva dele, o que serve para amenizar as potenciais ameaças à face que irá sofrer pelos tópicos e perguntas a serem feitas.

Vale ressaltar que a expectativa é de um encontro com alto grau de animosidade, devido às opiniões opostas dos interlocutores acerca dos temas da entrevista. Esse tipo de introdução também serve para estabelecer um ponto de partida amistoso, visando a evitar um desconforto inicial pela audiência (ouvinte não ratificado).

A resposta de SM, com um agradecimento de volta, também é uma forma de atenuar a ameaça à face positiva da entrevistadora mediante o agradecimento.

Mais à frente, há um jogo bastante interessante entre os interlocutores que versa sobre o uso dos vocativos durante os momentos de menor e maior tensão, ou como estratégias de argumentação. Em diversos trechos, eles se chamam de diferentes formas, de acordo com o efeito que imaginam causar no andamento da interação e na audiência.

Em relação ao uso de vocativos, Capella (2009) diz que eles podem significar uma indiretividade não convencional e, conseqüentemente, uma estratégia de polidez positiva, caso seja a intenção do falante alcançar ou manter o equilíbrio entre os interlocutores – o que ocorre frequentemente numa conversa normal.

Nessa entrevista, tanto o entrevistado como a entrevistadora manipulam o uso dos vocativos de acordo com os efeitos que pretendem causar na interpretação pelo outro e pela audiência. Em alguns momentos, o uso de determinado termo resulta numa ameaça à face do interlocutor (como quando se chamam pelo nome Silas/Gabriela, apenas). Esse chamamento desobedece às expectativas de sujeição às normas de uma entrevista comum e cria uma certa desarmonia, pois chamar o líder religioso pelo primeiro nome gera estranheza e pressupõe uma igualdade de posições – o que acaba por ameaçar sua face positiva.

Por outro lado, o entrevistado chama a entrevistadora de “filha” em dois momentos (16:02; 24:48), termo não esperado para o contexto e que o alça a uma posição superior, resultando em uma ameaça à face de MG. Em relação a esse aspecto, destaca-se o primeiro momento em que esse jogo passa a ser operado pelos interlocutores.

Após algumas trocas entre o uso dos termos “você” e “o senhor”, que pragmaticamente se diferenciam pela ideia de proximidade/intimidade e afastamento/respeito, respectivamente, a entrevistadora decide abordá-lo diretamente, perguntando-lhe por sua preferência:

(2) 9:55

MG: agora... quando VOCÊ FALA... **eu/eu às vezes misturo você e o senhor**

SM: **você pelo amor de Jesus**

[

MG: tá bom... quando você fala... dessa... quando você... é... divaga... em cima dessa teoria da prosperidade

Com isso, eles estabelecem o que Goffman chama de *common ground*, por meio da permissão do outro para chamá-lo(a) informalmente. É após esse momento que se vê a manipulação do uso do vocativo de acordo com o efeito argumentativo pretendido pelos interlocutores, além da constituição de

desequilíbrio de parte a parte e a restituição do equilíbrio à medida que o texto vai sendo coconstruído pela troca de turnos.

Eles alternam entre o uso do primeiro nome, o nome e sobrenome do interlocutor e os epítetos que os nomeiam popularmente (Gabi e pastor). Para a ilustração do que se afirma, foi selecionado um trecho (3), em que se podem ver exemplos o uso dessa estratégia:

(3) 14:22

SM: então... você tem um grupo... é assim que se faz as pesquisas...você tem grupo de mil pessoas... onde... TRINta... por cento... não vou dizer mais... TRINta por cento abandonou a fé reclamou que perdeu tudo... agora você tem um grupo de mil pessoas onde um ou dois estão reclamando... esse número... **ô Gabriela** não é pastores... não é/não somos nós eu num mudo vida de ninguém... eu num transformo ninguém... a verdade é que DEUS tá interessado no bem-estar do homem... então o que eu digo pra você é o seguinte... VAI LÁ NO POVO... como é que uma pessoa **Marília Gabriela** fica TRINta anos numa igreja... QUARENTA ANOS numa igreja... dando oferta e dízimo e NÃO TEM BENEFÍCIO NENHUM... é um imbecil um idiota

[  
MG: não não

SM: então como é que ele...

[  
MG: não não

SM: o maior beneficiado são as pessoas

[  
MG: eu acho

SM: e não a igreja

[  
MG: EU ACHO que encontra um conforto... um tipo de conforto

[  
SM:  
NÃ::O... encontra muito mais

MG: um conforto um estímulo... MA::S... ô...ô **Silas**...

[  
SM: **Gabriela**

MG: VOCÊ FALA/VOCÊ FALAR que alguém não vai ficar numa igreja por uma pessoa... EU GARANto pra você quem tá nos vendo tá achando você muito mais interessante do que eu porque eXISte

[  
SM: não

MG: uma capacidade de liderança... uma maneira de se expressar

Quando o assunto passa a ser religião, é de se esperar que o entrevistado, pastor, passe a dominar o turno e seja visto como detentor de uma posição hierárquica superior em detrimento da apresentadora. O desequilíbrio fica mais evidente com o aumento do tom de voz do locutor, aliado ao seu uso do vocativo (chama-a pelo primeiro nome). MG usa de sua prerrogativa de gerenciadora e assalta-lhe o turno, chamando-o também pelo primeiro nome, demonstrando sua autoridade e equilibrando o diálogo. Assim, com a ameaça à face positiva do líder religioso, salva sua face como entrevistadora e tenta retomar o controle da conversação.

Quando estavam falando de temas polêmicos, os tons de voz se alteravam, ora aumentando, ora diminuindo. O aumento de tom de voz caracteriza uma tensão maior na interação, afastando a ideia de cortesia e dando a impressão de que, a qualquer momento, o diálogo poderia ser interrompido (muitas vezes, essa estratégia de elevação do tom de voz tinha de ser compensada com gestos, como a aquiescência com a cabeça ou linguisticamente – com expressões como “ – Aahhh”, “ – Entendo”).

### 3.2. MANIFESTAÇÕES DE CORTESIA

Seguindo a ideia de cortesia de Koch e Bentes (2008), pode-se afirmar que ela se faz presente em diversos trechos da entrevista, com finalidades semelhantes. Os exemplos retirados e analisados abaixo ilustram o uso dessas estratégias por ambos os interlocutores.

No momento em que MG questiona SM acerca de reportagem da revista Forbes, que diz que ele é um dos pastores mais ricos do Brasil (informação esta de grande impacto na mídia à época e veementemente refutada pelo entrevistado), SM contesta a informação, afirmando que essa reportagem leva as pessoas a pensarem que estaria “roubando”. Por utilizar termos fortes e não partilhados pela entrevistadora, ele marca seu discurso com um pedido de desculpas para diminuir a carga de imposição de suas assertivas:

(4) 2:08

SM: o que subentende o ser humano é um ser inteligente que raciocina que/ perai... esse cara tem trezentos milhões tá roubando de gente

MG: não não não... tá/

SM: tá metendo a mão... eu gosto de ser eu **desculpa eu gosto de ser muito franco** esse cara tá com essa grana toda porque tá metendo a mão em alguma coisa... aí vamo lá... aonde é que tá a mentira e a safadeza...

SM faz uso de um pedido de desculpas para atuar com veemência e com um linguajar mais coloquial e, no mesmo momento, não permite que a entrevistadora tome seu turno. Para não passar a ideia de rudeza, utiliza-se de o que Koch e Bentes (2008) chamam de cortesia negativa ou atenuadora, pedindo desculpas e usando um enunciado justificativo. Desta forma, eleva a entrevistadora a um patamar de superioridade e atenua a imposição de sua atitude, que poderia ser considerada inadequada por ela (que deve ter domínio sobre a distribuição de turnos durante a interação) e pelos ouvintes não ratificados.

Esse recurso é utilizado por SM em outro momento (ainda falando dessa reportagem), com intenção semelhante:

(5) 5:18

SM: então... eu não posso aceitar que uns caras vêm fazer uma coisa

[

MG:

pastor

SM: com um objetivo que ESSE é o objetivo... é colocar um bloQUEIO na sociedade... que tudo que é pastor o que ele tem... ou foi... ou foi rouBAdo dos fiéis



que é um bando/**desculpa a expressão** de otários... certo? então eu fiquei nervoso com esse negócio

Logo em seguida, MG resolve sinalizar uma discordância com as alegações do entrevistado, usando um modalizador para atenuar essa afronta e diminuir o conflito que poderia ser gerado por ela:

(6) 5:18

SM: **eu vou contestar um pouco...** a revista Forbes é uma revista que trata basicamente de fortunas... e não é novo... é associado a: à reliGIÃO... ah/a TODas as religiões... digamos... não tô isentando a católica... as religiões... são associadas a forTUnas

Como defendem Koch e Bentes (2008, p. 34), “uma forma de mostrar cortesia verbal é não fazer asserções peremptórias, produzindo um discurso autoritário”. Nesse caso, a introdução da discordância com o uso de metalinguagem e o uso de um atenuador demonstram a intenção de salvaguardar a face do interlocutor da ameaça que representa a opinião contrária à sua.

Em outro momento, SM, para responder à alegação da revista mencionada, resolve apresentar documentos que comprovem seu patrimônio. Como sabe que a apresentação de documentos não é uma prática desses programas – até porque não há a possibilidade de checagem de sua autenticidade e veracidade –, ele decide tecer elogios à apresentadora, objetivando obter dela essa concessão (e, conseqüentemente, a confirmação da validade do argumento, caso ela ateste, com sua credibilidade de jornalista, as “provas” em questão).

(7) 2:30

SM: eu vou fazer **porque você tem credibilidade** tô sendo honesto... **se eu tivesse em outro programa um outro jornalista mas como você é uma jornalista de MUITa credibilidade...** então EXCLUSIVAMENTE aqui para você... aqui... e no MEU programa de tv... porque eu não devo nada não tenho nada a temer... eu tenho aqui o espelho de bens do meu imposto de renda tá aqui coisa sigilosa que ninguém dá ninguém abre... eu tô aqui com ele... ((folheia algumas páginas no balcão))

SM: o meu imposto de renda/depois você pode olhar o final... onde diz sobre o patrimônio que eu tenho... é QUATRO MILHÕES DE REAIS

Como afirma Álvarez (2007 apud KOCH; BENTES, 2008, p. 31):

Quando jogamos o jogo da cortesia, movemo-nos num mundo ao revés: um lugar onde aparentemente quando dizemos ‘pode me passar o sal’, não perguntamos simplesmente, mas sim manipulamos o outro para que faça algo por nós. Porém, não somente isso, mas que, por alguma razão, estamos em condições de requerer algo de alguém, enquanto dissimulamos o nosso poder. Sabemos, ao mesmo tempo que, ao jogar o jogo da cortesia, ganhamos indulgências.

Nesse caso, a tentativa de SM de obter a indulgência não rende frutos dentro da entrevista (provavelmente em virtude da experiência profissional da apresentadora), mas pode servir de argumento crível para os ouvintes não ratificados.

Após isso, ele continua a explorar o documento apresentado, descrevendo os bens, tentando

dar credibilidade às potenciais provas apresentadas e convencê-la a levá-las em consideração para a coconstrução da narrativa acerca do tema em questão. A entrevistadora, apesar de não interrompê-lo na justificativa, cedendo-lhe o turno, não esboça qualquer manifestação, permanecendo impassível e imóvel frente à papelada no balcão da entrevista. Dessa forma, demonstra ao interlocutor e ao público não permitir o uso de documentos, não corroborando com a argumentação do entrevistado, mas apenas permite-lhe que proteja sua autoimagem pública face à ameaça que a reportagem trazida à entrevista causou.

No final da entrevista, SM aproveita a despedida para marcar linguisticamente sua cortesia, falando mansamente que deseja que o Deus em que ele crê abençoe MG. Sabendo das crenças distintas da entrevistadora, ele usa a estratégia de cortesia de querer o bem do próximo, mesmo que este pense diferente, para falar com a audiência. Como líder religioso, aproveita para cultivar uma imagem bondosa.

(8) 44:23

MG: olha aqui... obrigada pela entrevista

SM: **Deus te abençoe... viu?... eu desejo é que esse Deus que eu creio... se revele cada vez mais a você...** e que as pessoas que estão nos assistindo... eu não conheço as pessoas... não sei o que está acontecendo com elas... mas eu/**se você me permitir... eu quero liberar uma palavra...** talvez precisando de cura... talvez gente sem paz... talvez gente perturbada com as coisas da vida... **que DEUS se manifeste a você trazendo paz alegria e equilíbrio**

MG: **que o MEU Deus... que não sei se é o mesmo seu... te perdoe ((risos))**

SM: aí ele me perdoa... porque eu sou pecador

MG: obrigada Silas

SM, demonstrando ter ciência de que a entrevistadora pode interromper sua fala, pois ele está, na verdade, se direcionando ao público e subtraindo-lhe o papel de interactante na conversação, conseqüentemente ameaçando sua face, decide fazer uso de outra estratégia de cortesia, colocando-se em posição inferior e pedindo sua permissão para falar com a audiência. Desta forma, além de diminuir a ameaça à face positiva da entrevistadora, consegue sinalizar expressamente para os ouvintes ratificados o que já havia iniciado sub-repticiamente. Ademais, com isso, conseguiu o compromisso da entrevistadora de que não interromperia o seu turno (o que Álvarez chamaria de “indulgência”).

Ainda assim, MG, buscando preservar sua face da ameaça trazida pela conduta do pastor, que passou a dominar o turno com uma “propaganda” de si, respondeu com uma ironia, terminando a sua fala com risos para amenizar um momento de tensão criado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A entrevista televisiva mostra-se um campo fértil para análises do uso oral da língua. As especificidades desse gênero trazem considerações de extrema relevância para os estudos sociolinguísticos, pragmáticos e discursivos.

O *corpus* analisado demonstra a aplicação da manipulação de normas pragmáticas pelos interlocutores, especialmente normas de polidez e cortesia, de modo a conduzir, conjuntamente, a

conversação ao fim proposto, sem interrupção ou constrangimento a qualquer das partes e à audiência.

Como os participantes são pessoas públicas com posições antagônicas nos temas que seriam abordados na entrevista e como há uma preocupação muito grande com os ouvintes ratificados, pois trata-se de um programa de alto impacto como formador de opinião, o uso eficiente das estratégias de polidez e cortesia se mostra imprescindível para a construção ou manutenção de uma imagem pública positiva, o que faz com que, em vários momentos, essas estratégias sejam manifestas.

Ademais, a observação desse evento interacional demonstrou a possibilidade de se analisar separadamente estratégias de cortesia utilizadas pelo par entrevistadora/entrevistado, segundo a dicotomia apontada por Koch e Bentes (2008). Seus efeitos também ficaram evidentes, pois neste caso, juntamente com as estratégias de polidez, visam à preservação da face ou mesmo enaltecimento dessa sua imagem de tolerantes à opinião diversa do outro e de compreensivos, ainda que pensem que o outro esteja errado.

Assim, a análise desses recursos linguísticos (polidez e cortesia) no contexto da entrevista televisiva mostra-se importante, pois estudar o funcionamento dos mecanismos empregados pelos interlocutores em sua permanente tentativa de resgate ou manutenção do equilíbrio nas interações verbais em situações específicas (neste caso, preocupação maior com sua imagem pública, sua credibilidade e com a audiência em si) ou na construção de determinadas imagens durante o evento conversacional permite-nos ter uma melhor ideia do desenvolvimento desses eventos comunicativos e de regras que norteiam o uso da língua em alguns contextos da vida social.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Zilda. Cortesia e descortesia em debates radiofônicos. In: PRETI, Dino (Org.). *Cortesia verbal*. São Paulo: Humanitas, 2008, p. 355-75.

AQUINO, Zilda; ANDRADE, Maria Lúcia; FÁVERO, Leonor. Papéis discursivos e estratégias de polidez nas entrevistas de televisão. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*, n. 4 v. 1, p. 67-77, 2000.

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CAPELLA, Débora. *Um estudo descritivo do vocativo em linguagem oral para português L2*. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – PUC-RJ, Rio de Janeiro.

GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes, 1967/2011. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva.

KOCH, Ingeldore. Especificidade do texto falado. In JUBRAN, Clélia (Org.). *A construção do texto falado*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 39-46.

KOCH, Ingedore; BENTES, Anna. Aspectos da cortesia na interação face a face. In: PRETI, Dino (Org.). *Cortesia verbal*. São Paulo: Humanitas, 2008, p. 19-39.

PRETI, Dino. *Análise de textos orais*. 4. ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999.

## **André Monteiro Diniz**

---

O autor possui graduação em Letras e mestrado em Linguística pela Universidade Federal do Pará. É doutorando no Programa de Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP) e professor assistente da Universidade do Estado do Pará (UEPA); tem experiência docente em nível superior na área de Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada - mais especificamente em ensino e aprendizagem de línguas, sociolinguística, pragmática e interculturalidade. E-mail: andremdiniz@gmail.com

*Enviado em 30/04/2018.*

*Aceito em 30/2018.*